



LUI SHIROBIRA/VALOR

Legiões do investimento

Os clubes e as associações de investimento-anjo se espalham pelo Brasil. Participar de um grupo minimiza os riscos e amplia as oportunidades de negócios. Por **Danylo Martins**, de São Paulo

A tese do investimento-anjo, ou seja, quando uma pessoa física aporta recursos próprios em uma empresa nascente com alto potencial de crescimento e fatura com a evolução do negócio, pode fazer muito sentido no papel. Mas a prática se revela muito mais desafiadora.

Em primeiro lugar, devido ao alto risco, especialistas aconselham o investidor a nunca comprometer mais de 10% de seu capital em iniciativas do gênero. Uma vez que um aporte típico pode ultrapassar os R\$ 100 mil, o investimento muitas vezes se restringe aos chamados "super-qualificados", aqueles com carteira de aplicações a partir de R\$ 1 milhão. Também há o problema da diversificação. Como o volume de recursos exigido é relativamente alto, a concentração em um ou poucos projetos eleva o perigo de perdas. Além disso, uma pessoa sozinha tem dificuldade em analisar as propostas, muito voltadas a áreas que geralmente não domina.

As respostas práticas para esses obstáculos estão nos clubes de anjos, ou seja, associações específicas montadas para somar esforços em busca de projetos inovadores. Os grupos ou as redes são uma evolução natural da atuação dos investidores do gênero e começam a se espalhar pelo país na esteira da aceleração do surgimento de startups, as empresas iniciantes com alto potencial de crescimento.

Criado há dois anos por ex-alunos da Universidade de Harvard, o HBS Alumni Angels of Brazil é o representante brasileiro dos clubes de investimento em startups, existentes em outros países e comandados por pessoas que estudaram na escola de negócios de Harvard. Atualmente com 84 membros, a equipe formada por engenheiros, médicos, publicitários e outros profissionais tenta encontrar propostas com potencial de crescimen-

to e que já tenham algum resultado, conta o presidente Magnus Arantes, de uma pequena sala do escritório onde trabalha na zona Sul de São Paulo. O clube não tem uma sede específica e as principais decisões são tomadas via e-mail e por conferências.

Com reuniões a cada seis semanas e em locais diferentes, o grupo aposta na diversidade de perfis e na definição de processos claros para a seleção de projetos. "Não queremos empreendedores de primeira viagem", enfatiza Arantes. O investimento só é concretizado se o negócio for "escalável", conta o presidente, ou seja, se tiver perspectivas de produção em grande quantidade e ganho de produtividade.

O site MBA 60, com conteúdo composto por vídeos produzidos em até 60 segundos sobre carreira, finanças pessoais, marketing, vendas, entre outros assuntos, foi uma das aplicações feitas pelos anjos de Harvard. Ao todo, 30 dos 84 membros participaram do investimento. A expectativa do clube é de fechar pelo menos mais três investimentos em startups neste ano.

O recém-criado grupo de Alfnas (MG), o Angels Club, tem um modelo um pouco diferente do clube de ex-alunos de Harvard. Hoje composto por 108 investidores, o grupo, a partir de uma plataforma on-line, faz a intermediação entre empreendedores e pessoas físicas dispostas a aplicar nos 250 projetos atualmente cadastrados no site. Para fazer parte do clube, é preciso ser convidado por um dos integrantes ou participar de um processo seletivo com cadastro por meio do site. Nesse segundo caso, o investidor passa pela aprovação do conselho gestor, que faz uma análise empresarial e de currículo. "Não basta ter dinheiro para investir", diz Junior Bornelli, vice-presidente de relacionamento e negócios. Ele diz que geralmente os aplicadores têm experiência



Novo no Angels Club, o professor Leonardo Guedes prevê investir R\$ 300 mil em startups nos próximos dois anos

em gestão e, por isso, podem participar ativamente na condução do empreendimento investido.

Essa característica é um dos requisitos para ser anjo, afirma Cássio Spina, sócio-fundador da rede Anjos do Brasil. "O investidor precisa participar efetivamente", diz. "Em muitos casos, trata-se de um cara sênior, com experiência em empresas. Por isso, são pessoas que podem participar dos conselhos de administração das startups", complementa Maurício Marques, gerente do departamento de investimento em fundos da Finep, agência estatal de fomento à inovação.

Leonardo Guedes, 43 anos, tem apetite por novos negócios. O empresário e professor entrou em novembro no Angels Club com o objetivo de ampliar o leque de projetos investidos. "Já tenho um perfil de investidor em startups", conta. Com uma formação de fazer inveja a qualquer profissional de TI, com um pós-doutorado em eletrônica e computação realizado no Japão, Leonardo acredita na integração entre academia e mercado. "Nos outros países, é muito comum que professores criem clubes de investimento. Quando eu olho o negócio, eu busco acreditar nas pessoas, e não tanto nos números", enfatiza. Há pouco tempo

no clube, o acadêmico ainda não apostou suas fichas em nenhuma empresa nascente, mas já está vislumbrando algumas aplicações em parceria com outros investidores. "Pretendo aportar, nos próximos 24 meses, R\$ 300 mil", revela. A bagagem também ajuda o empresário, que comanda uma empresa de educação à distância.

Por indicação de um dos fundadores do Angels Club, o empresário gaúcho Cássio Lopes, 35 anos, resolveu aportar R\$ 800 mil em duas empresas, uma ligada à produção de conteúdo para quem está concorrendo em concursos públicos e outra que desenvolve uma plataforma de áudio. "Acabei me interessando porque investiguei o mercado de 'concurseiros', que é muito amplo", explica. Cássio pode ser considerado um 'anjo nato', pois contribuiu profissionalmente com as duas empresas em que aplicou. "Em ambas, atuo realizando parcerias e buscando novas oportunidades", conta. O investidor diz que encontrou em startups oportunidade para diversificar suas aplicações financeiras, anteriormente focadas em fundos de renda fixa.

Nessa legião de anjos, o investidor João Kepler, 43 anos, exerce uma função importante para a atividade ganhar expressão no

Brasil. Ele faz uma espécie de "evangelização" de anjos nas regiões Norte e Nordeste do país. "Quem tem dinheiro para investir quer apostar nesse mercado. Isso também está acontecendo no Norte e Nordeste. O risco do investimento é grande. Percebendo isso, comecei a incentivar empresários e profissionais liberais (médicos, advogados, engenheiros e outros), que já têm cultura de aplicação em bolsa, a apostar no investimento-anjo", relata o responsável pelo núcleo de Alagoas da Anjos do Brasil.

Dois anos atrás, Kepler se juntou a um grupo de mais quatro investidores para apostar em um projeto de acessibilidade, uma ferramenta que traduz português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). "Nesse investimento, em que fui líder, participaram um especialista em marketing e um da área de negócios", conta. O resultado não veio somente com bons números da empresa, mas também por meio de premiação do Hand Talk (Mãos que Falam, em tradução livre) como melhor aplicativo social do WSA-Mobile, realizado em fevereiro de 2013 pela Organização das Nações Unidas (ONU). Hoje, Kepler investe em 12 startups.

Ver também página D2

Conheça os clubes

As características dos grupos que investem em empresas nascentes

Grupo/Associação	Aplicação mínima (R\$)	Principais setores	Como fazer parte
HBS Alumni Angels of Brazil	100 mil	Diversos setores, entre eles, educação online e saúde	Precisa ser ex-aluno de Harvard
Angels Club	300 mil	Agronegócio, biotecnologia, saúde e educação	Indicação de membro ou cadastro no site
Gávea Angels	100 mil	Educação e logística	Indicação de associado
Floripa Angels	50 mil	Tecnologia, principalmente empresas de softwares e sistemas digitais	Indicação de associado
Vitória Investidores Anjos	20 mil	Mecânica, saúde e tecnologia	Indicação de associado

Fonte: grupos e associações

Diversificação de aplicações diminui risco para os anjos

De São Paulo

Por ser um investimento com alto grau de risco, os especialistas alertam: é preciso ter em mente que o retorno não vem de imediato. Demora anos. "A gente já teve muitos casos de sucesso, mas outros tantos de insucesso", reforça Cássio Spina, criador da Anjos do Brasil, rede nacional de fomento para a atividade. Com base nas experiências positivas e negativas ocorridas no segmento, a entidade propõe "boas práticas" para o investi-

mento-anjo. "Para cada projeto, um líder coordena o investimento, mesmo com a participação de outros. Mais um aspecto importante é ter um modelo de regras que ajude, mas é preciso ser o mais simples possível", diz. Para ele, os grupos precisam ser flexíveis.

Essa flexibilidade, associada à coesão do grupo, ajuda a minimizar o risco do investimento, de acordo com os especialistas. "É uma chance de compartilhar conhecimento e aumentar as oportunidades", diz Augusto Ferraz,

presidente da Polaris Investimentos e líder regional da Anjos do Brasil em Brasília. "O que fazemos são investimentos", afirma. Por meio de um conjunto composto pela própria Polaris e por alguns investidores-anjo, o grupo apostou em uma empresa do setor hoteleiro que faz uma espécie de cotação entre os hotéis para viagens corporativas, apresentando opções dos menores custos para a empresa e para o próprio hotel. "A ideia é garantir o menor preço com maior valor agregado", conta.

A criação de processos bem desenhados faz parte da rotina do HBS Alumni Angels of Brazil. Na prática, até serem realmente selecionados, os projetos passam por duas etapas. Um comitê com membros do clube avalia três projetos pré-selecionados. Os escolhidos vão para a fase final e precisam apresentar a proposta na reunião acontecida a cada seis semanas. A startup que não for escolhida tem, ainda, a chance de participar de um comitê de *mentoring* (jargão em inglês para aconselhamen-

to) para tentar novamente a aprovação de sua ideia, diz o presidente Magnus Arantes.

Além da atuação em grupo, os especialistas recomendam não apostar todas as fichas em um só projeto. "Comecei um investimento e, após três meses, percebemos que o negócio estava fora do combinado. Por isso, geralmente é bom investir por partes. Se eu tivesse dado o dinheiro todo, teria perdido", exemplifica João Kepler, que atua como evangelizador do segmento. No livro que está

escrevendo, "Quando os anjos dizem amém", o investidor apresenta uma "fórmula" para calcular o retorno. Em geral, o mínimo esperado nunca é menor que 40% ao ano até o momento de "desinvestimento", ou seja, a realização do lucro, de acordo com o Angels Club. Kepler destaca, ainda, que esse resultado acontece com a geração de caixa do negócio ou com a saída do investidor. Em grupo, o cenário é melhor, afinal uma andorinha só não faz verão. (DM)